



## **TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA AMAZÔNIA PARAENSE: A EDUCAÇÃO FÍSICA EM QUESTÃO**

Maria da Conceição dos Santos Costa (PPGED-ICED-UFPA)

### **NOTAS INTRODUTÓRIAS**

Este artigo originou-se da pesquisa em andamento no curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha Educação, Cultura e Sociedade) da Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA) e tem como objeto de estudo o trabalho docente em Educação Física na Educação de Jovens e Adultos na Amazônia paraense.

A escolha da temática parte do processo histórico vivido como docente efetiva de escola pública no Estado do Amapá, ao atuar na formação de jovens e adultos na realidade da escola noturna com o componente curricular Educação Física, aqui compreendida como “[...] uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal” (SOARES et al, 1992, p. 33).

Os processos educativos vividos/produzidos na disciplina Educação Física no papel de docente de jovens e adultos provocou-nos a imersão nos desafios, especificidades, possibilidades e resistências existentes no trabalho docente em Educação Física com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), entre os quais se destacam um dos elementos que nos motivou a problematizar esta investigação: como se constitui o trabalho docente em Educação Física na EJA a partir da realidade da Amazônia paraense?.

Machado (2009, p.29) afirma que: “[...] como condição histórica, a EJA chega ao Século 21 com imensos desafios de conquista de espaço na agenda educacional e de

superação de velhas práticas e concepções equivocadas, fortemente marcadas pelas relações que se estabeleceram no Brasil entre o Estado e a sociedade civil [...]”; sendo, assim, merecedora, no entendimento de Di Pierro (2005, p.1119), de um novo paradigma que compreenda a aprendizagem ao longo da vida, não só como um fator de desenvolvimento pessoal e um direito de cidadania (e, portanto, uma responsabilidade coletiva), mas também como condição de participação dos indivíduos na construção de sociedades mais tolerantes, solidárias, justas, democráticas, pacíficas, prósperas e sustentáveis.

Freire (2011a, p. 21) destaca que “o conceito de Educação de Adultos vem se movendo na direção da Educação Popular na medida em que a realidade começa a fazer exigências à sensibilidade e a competência científica dos educadores e educadoras”.

Jovens, adultos e idosos são sujeitos da EJA que possuem seus modos de pensar, agir, expressar; eles trabalham, descobrem, renunciam, sofrem, alegram-se e resistem; são sujeitos individuais e coletivos, que estão envolvidos nos processos educativos e que almejam formação humana. Sujeitos que estão em estado de inacabamento, pois, “[...] a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca [...]” (FREIRE, 2013, p. 54). A EJA faz sentido para estes sujeitos como um espaço político-pedagógico de acesso ao conhecimento das práticas sociais, do trabalho, do confronto de problemas coletivos e da construção da cidadania e à educação de qualidade, que oportuniza sua intervenção no mundo.

A compreensão crítica dos docentes sobre o que ocorre no cotidiano dos jovens, adultos e idosos que diariamente dão existência à EJA nas realidades dos espaços formativos escolares e não escolares é um dos fios condutores para a prática política (FREIRE, 2011b). Com tais sujeitos de conhecimento, de direito, isto representa também o autorreconhecimento enquanto sujeito social e de conhecimento da EJA – o docente e todos(as) os(as) outros(as) sujeitos envolvidos nos processos educativos que atuam nesta modalidade de educação básica.

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos - a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem (SOARES, 1997, p. 27-28).

Para Gadotti (2011), os(as) jovens e adultos que integram a EJA são trabalhadores que lutam para superar suas condições precárias de vida – estas, por sua vez, estão na raiz do problema do analfabetismo –; que enfrentam o desemprego e baixos salários, o que

compromete o processo educativo dos jovens e adultos na escola pública ou demais espaços formativos que atuam com a EJA.

Compreendemos que o trabalho docente integra a totalidade constituída pelo trabalho no capitalismo, onde é submetido à lógica e às suas contradições sociais (DUARTE, 2011). De acordo com Oliveira (2010, p. 01):

[...] o trabalho docente não se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino formal, pois compreende a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação. [...] é possível definir o trabalho docente como todo ato de realização no processo educativo [...].

Nesta compreensão, ressaltamos que o trabalho docente em Educação Física na EJA traduz a necessidade de uma leitura política sobre as reais condições de trabalho a ser desenvolvido com jovens e adultos trabalhadores na Amazônia paraense; sobre os processos educativos desenvolvidos com estes sujeitos; sobre a dinâmica da sala de aula e o conjunto de atividades, ações que ocorrem no trabalho docente em Educação Física na realidade da educação amazônida e o interferem.

Neste trabalho, apresentamos considerações a partir do diálogo traçado com docentes de Educação Física, atuantes na EJA da rede pública estadual do Estado do Pará. Organizamos esta escrituração em seções que nos ajudam a dialogar sobre a investigação. Na primeira seção, apresentamos os referenciais metodológicos da pesquisa. Em seguida, problematizamos a Educação Física e Educação de Jovens e Adultos ao colocarmos em pauta o trabalho docente. Na terceira seção, são apresentados os dados da pesquisa e seguem reflexões sobre as condições do trabalho docente na EJA da Amazônia Paraense. E, na última seção, pautamos considerações conclusivas sobre a investigação realizada ao evidenciarmos ponderações e possibilidades para o objeto de estudo em tela.

## **REFERENCIAIS METODOLÓGICOS**

A referida investigação fundamenta-se na abordagem qualitativa por possuir “[...] fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propiciar a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p.57).

Em consonância com Minayo (2010), Chizzotti (2010) afirma que a pesquisa qualitativa implica “[...] uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem

objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível [...]”; no caso em questão, ao trabalho docente em Educação Física na EJA na Amazônia Paraense.

A técnica de coleta de dados utilizada nesta fase da investigação foi a entrevista semiestruturada, a qual possibilitou uma aproximação com os sujeitos da pesquisa na realidade das escolas públicas estaduais que atuam como docentes de Educação Física na modalidade EJA. Segundo Ludke e André (1986), a entrevista semiestruturada permite a captação imediata, corrente, da informação desejada e o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima. A partir de um roteiro básico, organizamos a entrevista e a realizamos no local de trabalho das referidas docentes entrevistadas.

O tratamento dos dados da entrevista se deu com a análise de conteúdo, que nos permitiu produzir inferências a partir dos dados coletados para o contexto social de maneira objetivada e possibilitou-nos a leitura, descrição e interpretação crítica do conteúdo tratado nas entrevistas (BAUER, 2007). A partir do tratamento e análises realizadas, enunciamos o item - O Trabalho docente em Educação Física na EJA da Amazônia paraense, que apresentará as categorias de análise da pesquisa.

### O Trabalho docente em Educação Física na EJA da Amazônia paraense

A compreensão sobre o trabalho docente em Educação Física não inclui somente o que é realizado na sala de aula com jovens, adultos e idosos da EJA, mas ainda os processos de aprendizagem, a participação do professor de Educação Física nos tempos e espaços de planejamento das atividades, ações em que a escola está envolvida, a elaboração de propostas político-pedagógica, a própria gestão/organização da escola a partir de trabalhos coletivos com a família, com a comunidade e articulações docentes que envolvem todos os sujeitos envolvidos no cotidiano da escola da EJA (DUARTE; OLIVEIRA; AUGUSTO; MELO, 2008)

O trabalho docente em Educação Física na EJA perpassa o aparato legal na LDB (9394/1996) que estabelece no Art. 26 § 3º:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; [...]; VI – que tenha prole.

Embora considerado um componente curricular obrigatório na educação básica, a Educação Física tem sido historicamente “negada, invisibilizada e mal compreendida” em sua

contribuição na formação humana de jovens e adultos no campo pedagógico da EJA. A facultatividade para as especificidades dos sujeitos sociais do ensino noturno representa uma exclusão social aos jovens, adultos e idosos que têm o direito de conhecer, experimentar e problematizar temas da cultura corporal e suas interlocuções com suas culturas e com o cotidiano vivido nas aulas de Educação Física da escola.

Os aspectos tratados neste artigo, no que tange a facultatividade mencionada, indicam ainda, lamentavelmente, a concepção de uma disciplina que prima pela aptidão física de jovens, adultos e idosos trabalhadores(as) e mais: a Educação Física como sendo marginalizada no cotidiano escolar – aspecto que interfere intensamente no trabalho do docente em Educação Física pela falta de valorização e reconhecimento do trabalho do educador deste componente e pelo acesso e/ou negação de direito de jovens e adultos terem acesso às práticas corporais produzidas pela humanidade e suas interfaces às diversidades encontradas na Amazônia paraense.

O trabalho docente em Educação Física na EJA pauta-nos o desafio de compreender e lidar com a diversidade sociocultural encontrada a partir da realidade de jovens, adultos e idosos mediante as novas configurações do trabalho docente imposto na escola pública. De acordo com Oliveira (2010, p. 01) o trabalho docente

Trata-se de uma categoria que abarca tanto os sujeitos que atuam no processo educativo nas escolas e em outras instituições de educação, nas suas diversas caracterizações de cargos, funções, tarefas, especialidades e responsabilidades, determinando suas experiências e identidades, quanto as atividades laborais realizadas. Compreende, portanto, as atividades e relações presentes nas instituições educativas, extrapolando a regência de classe. [...] Partindo da definição de que o trabalho constitui-se em ato de transformação da natureza pelo homem para sua própria sobrevivência, o que resulta também e, ao mesmo tempo, na transformação do homem pelo trabalho, é possível considerar que o mesmo é detentor de um caráter educativo. Educação e trabalho são elementos fundamentais da condição humana, indispensáveis à socialização e determinantes de nossas experiências.

A existência da Educação Física na escola ganha sentido, segundo Wittizorecki (2009, p.26), quando vinculada a uma proposta educativa e a uma teoria pedagógica que possa sentir, pensar e problematizar/investigar questões inerentes à Educação Física: “[...] só me parece coerente se fundamentada e ancorada numa discussão que valoriza questões de cunho sócio-cultural, pedagógico e filosófico que muitas vezes transcendem as “especificidades” da área”. Duarte et al (2008, p.228) destaca que

As exigências do trabalho docente têm mudado com o tempo, sendo maiores as responsabilidades, mais difusos os papéis, mais diversificadas as estratégias de ensino e de avaliação. O controle sobre os professores por meio dos programas

prescritos, os currículos definidos e os métodos de instrução cobram esforços cada vez maiores, em condições que, no melhor dos casos, são estáveis, quando não se deterioram dia a dia.

Os sujeitos docentes têm enfrentado em diferentes momentos de suas carreiras profissionais, diversas necessidades, desafios, expectativas, dilemas (CAMARGO et al, 2012) e resistências que caracterizam suas práticas profissionais na EJA; desafios de ordem de experimentar ou diversificar práticas que legitimem a efetiva contribuição do trabalho docente em Educação Física na formação humana de jovens, adultos e idosos.

Em nosso entendimento, os processos formativos que se materializam na EJA devem convergir para uma concepção ampla de alfabetização e emancipação referenciados pela teoria freireana. Um sentido de alfabetização crítica que estabeleça conexões com o campo econômico, cultural, político, pedagógico, que permita o desenvolvimento de habilidades, interesses e formas de sociabilidades entre jovens, adultos e idosos; um processo de alfabetização permanente, contínuo na vida de todos os sujeitos envolvidos com a EJA, seja nos espaços escolares ou ambientes sociais, associando os processos de alfabetização à ideia de sermos sujeitos incompletos, inconclusos e inacabados (FREIRE, 1997).

## **AS DESCOBERTAS SOBRE O TRABALHO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA**

A aproximação com as docentes de Educação Física da EJA ocorreu a partir de um contato inicial com a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA), ao realizarmos o levantamento dos docentes que atuam na modalidade da EJA. O início do diálogo ocorreu nas próprias escolas onde as docentes atuam com o componente curricular Educação Física e com o desenvolvimento do trabalho docente noturno na Educação Básica.

O perfil das docentes<sup>1</sup> apresenta algumas similitudes. Tiveram a formação docente (inicial) na Universidade do Estado do Pará, no curso de licenciatura plena em Educação Física – instituição pública precursora no Estado do Pará em formação de professores em Educação Física. A professora Jussara possui treze anos de formada, com sete anos de experiência docente na EJA, tem pós-graduação (*lato sensu*) em Gestão Escolar. A professora Júlia possui dez anos de formada, tendo cinco anos de experiência docente na EJA; sua pós-graduação (*lato sensu*) concentra-se na área da Pedagogia do Movimento Humano. As

---

<sup>1</sup> Utilizamos nomes fictícios das docentes para assegurar sua segurança e ética nos processos da pesquisa.

docentes integram o quadro efetivo da SEDUC/PA, atuam com turmas do ensino médio, EJA-Médio e EJA, esta última modalidade acontecendo no turno da noite das escolas públicas estaduais, as demais sendo assumidas no período diurno. As cargas horárias assumidas nas turmas de EJA representam uma contribuição a mais na renda das docentes, esse aspecto é recorrente na rede de ensino, pois os docentes acabam por “completar” sua jornada de trabalho com as turmas de EJA pela real condição objetiva do trabalho educativo o que implica na falta de valorização do corpo docente atuante com a diversidade cultural da EJA.

As docentes sinalizam o excesso de trabalho que desenvolvem durante o período matutino, durante a semana em todos os dias nas diversas escolas estaduais que atuam (manhã, tarde e noite); questionam a intensificação do trabalho, pois as demandas nas escolas são crescentes; o deslocamento entre uma escola e outra, nos diferentes turnos, ao enfrentarem o caos urbano da cidade e abrirem mão de almoçar e jantar com a família, dado que o tempo não é suficiente para isso. Esse processo “gerado pela fragmentação do trabalho e consequente redução do espaço de controle é denominado de ‘carga mental do trabalho’” (CODO apud KUENZER e CALDAS, 2009, p. 35), e aparece associado a várias características do trabalho docente, como “diferente número de empregos, número de turmas de séries iguais ou diversas, número de disciplinas, números de escolas, números de alunos por turma” (idem, ibidem).

A intensificação do trabalho docente abrange os processos de trabalho e seus desdobramentos realizados pelos trabalhadores na ação concreta do cotidiano. O grau de envolvimento nas atividades de trabalho em âmbito individual e/ou coletivo exige dos trabalhadores esforços em todas as instâncias da vida humana, quer seja no sentido físico, intelectual ou psíquico. Todos esses processos influenciam as condições de trabalho, as relações interpessoais, os processos de produção e socialização do conhecimento, bem como os espaços sociais que os trabalhadores vivem em seu cotidiano (DUARTE, 2010).

As docentes afirmaram que durante seus processos formativos (inicial e continuado) não tiveram, até o momento, contato com o debate sobre a Educação Física na modalidade da EJA, realidade esta muito presente entre os docentes que exercem docência com jovens, adultos e idosos na Amazônia paraense. No debate sobre a formação, as docentes destacam que: *“A dificuldade é essa né, essa formação. Precisa um pouco mais dessa parte teórica, compreender um pouco mais essa realidade, precisa de mais referencial relacionado à EJA”* (Professora Júlia). *“Sinto falta de momentos de conversa, de estudos sobre a EJA, debater esse campo e como a Educação Física pode atuar na EJA”* (Professora Jussara). De acordo com Camargo et al (2012, p.54)

[...] a formação docente envolve o processo de qualificar o professor em relação ao domínio dos conhecimentos e habilidades necessários ao exercício da profissão; deve representar a possibilidade de elevar o nível de qualificação e abrange a formação inicial [...] e continuada [...], além de contribuir para o desenvolvimento profissional docente [...]

As angústias e descobertas encontradas a partir do trabalho docente com a EJA traduzem muitos desafios e resistências que as docentes materializam em seu cotidiano:

Desde 2008, eu cheguei lá [EJA], nunca nem me disseram o que era a EJA. Eu que tive que correr atrás, pesquisar na internet, saber como era o perfil desse aluno de EJA, que a gente sabe que é um perfil diferenciado, tudo foi eu que fui buscar, nunca tive formação continuada, não, tudo que eu aprendi foi com a experiência com eles, foi também percebendo muito a realidade deles e foi trabalhando em cima das realidades desses alunos, foi assim que aprendi, nem sei se já sei trabalhar com a EJA. Eu tenho aprendido mais com eles do que com os próprios coordenadores. (Professora Júlia)

A EJA veio como um desafio para mim até mesmo por que quando eu entrei no Estado eu nunca havia trabalho com a EJA. Então, nós não tivemos nenhum parâmetro. Na realidade eu falo por mim. Eu tive que adequar os conteúdos que eu trabalhava com o ensino fundamental e médio, né, e tentei levar para a realidade da EJA, visto que, por ser o turno da noite, pessoas que passam o dia todo trabalhando, eu não poderia trabalhar da mesma forma como eu trabalho com as crianças e adolescentes. Foi um desafio muito grande, até mesmo porque foi lançada a proposta e vamos assim: cada um dê o seu jeito de trabalhar. (Professora Jussara)

É visível o sentimento de abandono das docentes. Trabalhar sozinha, descobrir sozinha, construir um trabalho docente mediante as (in)certezas, as dúvidas, inseguranças, os medos diante do novo. Esse sentimento traduz “a ambiguidade em face do trabalho que está presente no sentimento de relativa autonomia e auto-responsabilização e, ao mesmo tempo, de desconforto por se sentirem sozinhos” (DUARTE; OLIVEIRA; AUGUSTO; MELO, 2008, p.226).

É preciso destacar que na condição docente, em especial, do trabalho docente em Educação Física com os sujeitos da EJA, precisa ser pautada a

[...] relação entre sujeitos sócio-culturais, imersos em distintos universos de historicidade e cultura, implicados em enredos individuais e coletivos. E trata-se, sobretudo de sujeitos cuja condição de existência, cuja origem primeira está na corporeidade que se inscreve, por sua vez, nas temporalidades do transcurso da existência humana, em rítmicas da vida [...] (TEIXEIRA, 2007, p. 430)

A realidade da Amazônia paraense tem com uma de suas características fundamentais a “heterogeneidade”, que de forma bastante significativa é espalhada e visível no cotidiano da vida, do trabalho e das relações sociais, culturais e educacionais dos sujeitos que nela habitam, heterogeneidade essa que deve ser valorizada e incorporada nos processos e



espaços de elaboração e implementação de políticas e propostas educacionais para a região, visibilizada nos espaços formativos da EJA e incorporada em todas as interfaces culturais realizadas no interior da escola e com o envolvimento da comunidade (HAGE, 2005, p. 61).

É necessário que as políticas de educação se aproximem do novo equacionamento que se pretende para as políticas de juventude e para os docentes que atuam com a juventude, com os adultos e idosos. “A finalidade não poderá ser suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida. Garantir direitos dos sujeitos que os vivenciam” (ARROYO 2011, p. 20-21).

Outras similaridades que aproximam o trabalho das docentes é a carga horária destinada à Educação Física na realidade noturna, “o tempo de 35 (trinta e cinco) minutos por aula sendo 01 (uma) vez por semana” (Professora Jussara). Segundo a docente, “até 2010 a Educação Física era desenvolvida duas vezes na semana, mas depois da inclusão das disciplinas filosofia, sociologia no currículo da rede estadual, a educação física foi sendo colocada de lado, repelida no currículo escolar”. Já para realidade da escola da outra docente “o tempo é de 30 (trinta) minutos por aula sendo 02 (duas) vezes na semana” (Professora Júlia).

O quadro acima mostra a (in)visibilidade do componente curricular Educação Física no cotidiano da escola e os desafios do trabalho pedagógico em Educação Física mediante o tempo e espaço destinado para a disciplina no currículo escolar. De acordo com Souza Júnior (2001, s/p), a Educação Física na escola deve oportunizar aos alunos uma organização do pensamento a respeito da cultura corporal, favorecendo a reflexão pedagógica deste aluno. As atividades, tarefas e responsabilidades dos alunos não são simplesmente correr, brincar, jogar, exercitar, fazer. “É necessário refletir criticamente o conhecimento trazido por um determinado tema da cultura corporal, compreendendo-o conceitualmente, inclusive através de experimentações corporais, ou seja, deve ser um ‘fazer’ crítico-reflexivo”.

As docentes destacam que desenvolvem as aulas tendo um grande desafio de desmistificar o ranço histórico da Educação Física. Há um preconceito construído culturalmente em relação a este componente curricular “A resistência dos alunos da EJA quanto às aulas [...] mostrar que a Educação Física não é só correr, jogar bola” (Professora Jussara)

As minhas aulas na EJA, eu trabalho a teoria e a prática. Lógico que a nossa prática é mais voltada para a qualidade de vida, alimentação, ginástica na forma de relaxamento, alongamento, os primeiros socorros, as danças, sistema locomotor, as doenças. Trabalhar a concentração através do relaxamento, relacionando esses conteúdos com as vivências deles. É gratificante pra mim, pois eu estou vendo que o

conteúdo vem sendo relacionado à vida deles, está sendo significativo para o dia a dia deles. Nas minhas turmas eu tenho alunos de 60 anos, de 16 anos, a diferença é muito grande. (Professora Jussara)

Eu gosto de trabalhar com temáticas; então, na primeira avaliação, eu falo sobre saúde e qualidade de vida ou eu falo de atividade física e saúde. Na segunda avaliação que é a que nós estamos hoje, é expressão corporal e folclore. Na terceira avaliação é sobre jogos, jogos populares, então eu falo jogos e falo esporte, os tipos de esporte, esporte de rendimento, esporte educacional, todas as diferenças que tem neles e falo sobre os jogos populares! E na quarta avaliação eu falo sobre a alimentação, alimentação saudável e um pouco da parte de treinamento, treinamento desportivo, nutrição esportiva e foco mais pra esse lado da alimentação. É assim que eu gosto de trabalhar com os alunos. (Professora Júlia)

Kuenzer e Caldas (2009, p. 19-20) destacam a necessidade de compreensão e apreensão do trabalho docente “[...] como processo humano concreto, determinado pelas formas históricas de produção e reprodução da existência, o que implica compreendê-lo inscrito na totalidade do trabalho, tal como se objetiva no modo de produção capitalista”. As possibilidades e limites do compromisso das docentes são expressos nos trechos supracitados, bem como o processo dialético vivido no trato com o conhecimento da Educação Física na EJA, a diversidade encontrada a partir da interação com jovens, adultos e idosos nas salas de aula, a ausência de uma proposta curricular sistematizada com base na Amazônia paraense juntamente com os docentes da EJA, pautam a constituição de uma condição docente que seja materializada a partir da própria experiência das docentes. Isso reflete na escolha dos conteúdos trabalhados, o sentido e significado que cada uma repassa as temáticas desenvolvidas e as condições de trabalho encontradas na realidade das escolas públicas estaduais.

Sobre as condições de trabalho, aqui compreendida a partir de Kuenzer e Caldas (2009, p. 31) sendo o “conjunto de recursos que possibilita uma melhor realização do trabalho educativo e que envolve tanto a infraestrutura das escolas, os materiais didáticos disponíveis, quanto os serviços de apoio aos educadores e à escola”.

Conforme informam as docentes a questão estrutural é um problema potencializador na prática educativa, os desafios são grandiosos para desenvolver a Educação Física na EJA: *“Eu sinto falta de ter um espaço estruturado para que os alunos possam vivenciar aquilo que eles compreenderam nas aulas. Porque às vezes a gente fica muito ali, sala de vídeo – sala de aula, sala de vídeo – sala de aula”* (Professora Júlia). *“Quando eu quero trabalhar sistema locomotor, a gente fala sobre os músculos, onde está a localização de alguns músculos, articulação, então a gente não tem esse material pedagógico aqui. Eu trago o atlas pra cá, quando o nosso laboratório de informática estava funcionando, eu trazia o aluno para o*

*laboratório, então vamos dizer o prático que eles observam é justamente desse forma, só que o nosso laboratório de informática está parado há um bom tempo, as nossas máquinas estão, enfim, adormecidas. Então, é essa dificuldade que eu sinto de estar mostrando algumas situações que são contempladas no material dele e que antes eu podia mostrar e agora não posso”* (Professora Jussara).

A falta de condições adequadas nas escolas gera grandes controvérsias ao trabalho docente. As docentes são exigidas cotidianamente a desenvolver “competências para suprir a escola pública precarizada, com condições de trabalho cada vez piores, as deficiências culturais e cognitivas decorrentes da origem de classe dos alunos” (id., *ibid.*, p. 34-35). A redução dos investimentos públicos no setor educacional agrava e aniquila as possibilidades e diversidade de experiências educativas que os docentes podem promover junto aos alunos. Este é o contexto cruel e devastador que os docentes vivem na escola pública e, mesmo diante desse quadro social, os docentes resistem e continuam até o momento na escola, pela condição objetiva da realidade, pois precisam de seus salários para a sobrevivência.

## **CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS**

O trabalho docente em Educação Física na EJA a partir da realidade da Amazônia paraense tem se constituído de grandes desafios ao processo educativo com jovens, adultos e idosos. A nova configuração da escola induzida pelas tramas e táticas do sistema capitalista “provoca” cada vez mais o compromisso e trabalho do professor de Educação Física na realidade da escola pública; tal quadro também se estende aos sujeitos da educação básica.

A intensificação e precarização do trabalho docente em Educação Física na EJA são muito presentes nas falas das docentes que participaram dessa fase de investigação, que se aliam às condições precárias para realizar as práticas educativas a partir das especificidades existentes na EJA. A ausência de políticas públicas no que tange o processo permanente de formação para os docentes da EJA os enquadra no sentimento de trabalho solitário, não há diálogo para compartilhar as dúvidas, as incertezas, inseguranças e ideias quanto ao desenvolvimento do trabalho docente em Educação Física.

Os elementos apresentados pelas docentes de Educação Física demonstram a existência de grandes obstáculos introduzidos à materialidade do trabalho docente com jovens, adultos e idosos. Isto configura um grande tensionamento para o trabalho educativo, para o processo permanente de formação que não é visível na realidade escolar, o que acentua

o processo de precarização na formação docente (inicial e permanente) e nas condições objetivas de trabalho (KUENZER e CALDAS, 2009).

Aqui defendemos a compreensão do papel do professor de Educação Física em relação ao seu trabalho docente na EJA, cujos elementos aqui destacamos: a) defesa radical da Educação Física enquanto componente curricular que atua na formação humana de jovens, adultos e idosos na EJA; b) luta por uma Educação Física que respeite as condições objetivas de jovens, adultos e idosos, reconhecendo seus saberes culturais e seus processos identitários na Amazônia paraense; c) (re)conhecimento de ser sujeito da EJA; sujeito atuante na escola pública; protagonista juntamente com seus alunos(as) do processo de construção e divulgação do conhecimento; d) exercício da prática política diante da condição social, cultural, econômica e política em que a escola pública e a Educação Física se encontram diante das mazelas do sistema capitalista na Amazônia paraense; e) problematização das condições de trabalho existente diante da realidade noturna da escola pública e como a Educação Física é (in)visibilizada no processo educativo a partir das práticas culturais constituídas no currículo escolar; f) desenvolvimento de práticas corporais que tenham sentido e significado com a realidade dos jovens, adultos e idosos, as quais possam estimular a construção de uma leitura e intervenção crítica na realidade que se contraponham à lógica da reprodução e perpetuação do rendimento, pautas materializadas pelo sistema do capital diante das práticas corporais historicamente construídas pelo homem; g) luta por processos de formação permanente tendo a escola como um espaço também formativo para os docentes da EJA; h) luta por melhores condições de trabalho ao docente de Educação Física.

As docentes de Educação Física resistem às contradições impostas diante do cenário da EJA na Amazônia paraense com todas suas fragilidades e compromissos, conclamam por tempos e espaços formativos para o diálogo, para a troca, para a criação e novas formas de resistências no trabalho docente. Faz-se necessário o fortalecimento da formação docente (inicial e permanente) à luz de teorias pedagógicas críticas, as quais possam subsidiar a leitura e intervenção na realidade Amazônica de forma consciente, resistente e dialógica.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria A. G. de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.19-50.

BAUER, Martins W. **Análise de conteúdo**: uma revisão. In: BAUER, Martins W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **LDB**. nº 9.394/96. 6ª. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 43p

CAMARGO, Arlete; FERREIRA, Diana L.; LUZ, Iza Cristina P. da. Perfil, condição e formação docente no Pará. In: MAUÉS, Olgaíses et al. **O trabalho docente na educação básica: o Pará em questão**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DI PIERRO, Mª Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, nº 92, p. 1115-1139, Especial, Outubro 2005.

DUARTE, Adriana. Políticas educacionais e o trabalho docente na atualidade: tendências e contradições. In: OLIVEIRA, Dalila; DUARTE, Adriana. **Políticas públicas e educação: regulação e conhecimento**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

DUARTE, A.M.C. Intensificação do trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

DUARTE, Adriana; OLIVEIRA, Dalila A.; AUGUSTO, Maria H.; MELO, Savana. Envolvimento docente na interpretação do seu trabalho: uma estratégia metodológica. **Revista Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 221-236, jan./abr. 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. Educação de Adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

HAGE, Salomão M. Educação na Amazônia: Identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In: \_\_\_\_\_. (org) **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005. p.61-68

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei nº 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 82, p. 17-39, Novembro 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

KUENZER, Acacia Z; CALDAS, Andrea. Trabalho docente: comprometimento e desistência. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Ma A. M.; FIDALGO, Nara L. Rocha. **A intensificação do trabalho docentes: tecnologias e produtividade**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, D. A. Trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

SOARES, Carmen L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo:Cortez, 1992. 84p.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. A Educação Física no currículo escolar e o esporte: (im) possibilidade de remediar o recente fracasso esportivo brasileiro. **Revista Pensar a Prática**. V.4. 2001.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

WITTIZORECKI, Elisandro S. Mudanças sociais e o trabalho docente do professorado de educação física na escola de ensino fundamental: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre: UFRGS, 2009.